

Os saltadores

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Certa vez, a pulga, o gafanhoto e o ganso saltador quiseram ver qual deles podia saltar mais alto. Convidaram então o mundo inteiro e quem mais quisesse vir assistir àquela festa; e eram três saltadores de verdade quando se reuniram na sala.

“Pois darei minha filha a quem saltar mais alto!”, disse o rei. “Porque é uma miséria essas pessoas terem de saltar por nada!”

A pulga foi a primeira a se apresentar. Tinha maneiras tão delicadas e cumprimentava para todos os lados, pois tinha em si sangue de senhorita e estava acostumada a conviver somente com seres humanos, o que faz muita diferença.

Depois veio o gafanhoto. Era, de fato, bem mais corpulento, mas tinha boa postura e usava um uniforme verde, que já nascera com ele. Além disso, o sujeito dizia que tinha uma família muito antiga no Egito e que aqui também era muito estimado: fora tirado diretamente do campo e posto numa casa de cartas de três andares, todos feitos de figuras do baralho, com o lado colorido voltado para dentro. Havia portas e janelas, recortadas no corpo da dama de copas. “Canto de tal maneira”, disse ele, “que dezesseis grilos daqui, que chamam desde pequenos e mesmo assim não ganharam casa de cartas, ao me ouvirem ficaram ainda mais magros de despeito do que já eram!”

Assim os dois, tanto a pulga quanto o gafanhoto, explicaram muito bem quem eram e que achavam que podiam muito bem casar com uma princesa.

O ganso saltador não disse nada, mas diziam que, por isso mesmo, pensava ainda mais. Bastou o cão da corte farejá-lo para garantir que o ganso saltador era de boa família. O velho conselheiro, que recebera três condecorações por ficar calado, assegurou que sabia que o ganso saltador era dotado de poderes mágicos: olhando para suas costas, podia-se saber se o inverno seria ameno ou rigoroso, coisa que não se pode ver nem nas costas de quem escreve o almanaque.

“Pois eu não digo nada!”, disse o velho rei. “Mas ando sempre assim, pensando cá comigo!”

Agora era a vez do salto. A pulga saltou tão alto que ninguém pôde ver, e então afirmaram que ela nem sequer tinha saltado, o que foi bem mesquinho.

O gafanhoto saltou só a metade daquela altura, mas saltou bem no rosto do rei, que disse que aquilo era nojento.

O ganso saltador ficou muito tempo parado, pensando; por fim, acharam que ele nem sequer sabia saltar.

“Tomara que não esteja passando mal!”, disse o cão da corte, e tornou a farejá-lo. Zás! Ele deu um pequeno salto torto e foi parar no colo da princesa, que estava sentada bem baixo, num banquinho de ouro.

Então o rei disse: “O salto mais alto é saltar até minha filha, porque essa é a parte mais fina da coisa. Mas é preciso ter cabeça para pensar nisso, e o ganso saltador mostrou que tem cabeça. Tem osso na testa!”

E assim ele ganhou a princesa.

“Mas fui eu quem saltou mais alto!”, disse a pulga. “Mas tanto faz! Que ela fique com aquele conselheiro-ganso de pauzinho e breu! Fui eu quem saltou mais alto, mas neste mundo é preciso ter corpo para que possam ver a gente!”

E então a pulga foi servir num exército estrangeiro, onde dizem que foi morta.

O gafanhoto se sentou lá fora, na vala, e pensou em como as coisas realmente se passavam no mundo. E também disse: “É preciso ter corpo! É preciso ter corpo!” Depois cantou sua própria canção triste, e foi dela que tiramos esta história, que bem poderia ser mentira, mesmo que estivesse impressa.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-saltadores>